

OS DEUSES DO TEMPO E O “GATO DE SCHÖREDINGER”

o paradoxo quântico à luz dos padrões arquetípicos de Aion, Chronos e Kairós

TAMARA PEREIRA DE SOUZA¹

Resumo

Tomando como referência a crença adotada por antigas tradições da Grécia, de que Aion, Chronos e Kairós, representavam três aspectos distintos e complementares do tempo e, algumas noções subjacentes à nova física que tratam do paradoxo do “Gato de Schöredinger,” este breve ensaio alcançou resultados indicando que, à luz dos padrões arquetípicos que caracterizam as mitologias de Aion, Chronos e Kairós, o estado quântico “vivomorto” do “Gato de Schöredinger”- interpretado pela mecânica quântica como uma função de onda que sobrepõe os estados “gato morto” e “gato vivo”- representa parte de uma unidade temporal arquetípica, constituída por três ciclos distintos e complementares - *interação, repetição, ordenação* - que mantém entre si uma interligação dinâmica e, tem como meta a transformação e a evolução da consciência no ato de observação da natureza. Espera-se a partir dos resultados obtidos contribuir com o contexto da psicologia, ciências da religião, nova física e ciências sociais, bem como com o referencial teórico de futuros pesquisadores interessados em abordar e aprofundar o tema.

Palavras Chaves: Aion; Chronos; Kairós; “Gato de Schöredinger”; Estado quântico.

Introdução

Meu interesse por temas que tratam da natureza do tempo e dos estados ambivalentes na natureza, encontra suas raízes em uma jornada pessoal que já conta aniversários de longa data em minha trajetória de vida. As observações acerca do mundo que sempre me chegaram à percepção como representações de eventos e experiências situados num tempo e espaço relativos, não só contribuíram para fomentar minha natural inclinação em direção a pesquisa sistematizada mas, principalmente, serviram de base e incentivo para que eu, aprofundasse

¹ Mestre em *Ciências da Religião* pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Graduada em *Psicologia*, pela Universidade Salesiana de Lorena/SP - UNISAL. Graduada em *Design industrial e Comunicação Visual*, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ. Florianópolis, Estado de Santa Catarina. tamaraps@uol.com.br

minhas investigações a respeito dos elementos simbólicos associados às mitologias de Aion, Chronos e Kairós, e explorasse enquanto psicóloga, os estados arquetípicos considerados *ambivalentes* quando referenciados à psique, do homem comum.

Dentre todo o grande conjunto de questões levantadas a partir da exploração do mundo atômico no século XX, que aliás, “abriu uma janela no muro divisório”² entre espírito e matéria aquelas que foram mais ardentemente debatidas no seio da física moderna e, envolveram interpretações que suscitaram o problema da consciência e seu possível papel, no processo de formação da realidade física, giraram em torno do conhecido paradoxo do “Gato mecânico-quântico de Schrödinger.” Apesar de atingido como um alvo, pelas mais diferentes interpretações da nova física, o ser do “Gato de Schrödinger”, foi todavia, conduzido ao tapete vermelho da fama - estendido em meio à discussões e controvérsias - onde continua a protagonizar um dos pontos mais nevrálgicos da teoria quântica já que o famoso felino, encontra-se “num estado intangível no qual não está nem vivo nem morto.”³ Classificado pela mecânica quântica, como uma função de onda que sobrepõe os estados “gato morto” e “gato vivo”, o ser do gato, parece carecer de um olhar psicológico que, se considerado dentro de um ponto de vista simbólico pode vir a contribuir para esclarecer seu desconcertante *status* no mundo quântico.

Neste sentido abordar o estado fundamental - “vivomorto” - do ser do “Gato mecânico quântico de Schrödinger” à luz dos padrões arquetípicos de Aion, Chronos e kairós, significa um modo de poder explorar os elementos simbólicos associados à mitologia arquetípica, do tempo, bem como de angariar novos pontos de vista a respeito de estados ambivalentes na natureza que parecem estar em destaque, no seio da física do século XXI. Sendo assim como podemos classificar o estado quântico do “Gato de Schrödinger” à luz dos padrões arquetípicos de Aion, Chronos e kairós? Que padrão arquetípico estaria associado ao estado quântico “vivomorto,” caracterizado no paradoxo do “Gato mecânico quântico de Schrödinger”? Se considerarmos que Aion, Chronos e Kairós, constituem uma unidade temporal, interligada por três ciclos arquetípicos, distintos e dinâmicos, qual seria o papel dessa unidade no que diz respeito a consciência do observador no ato de observação da realidade?

² GOSWAMI, A..*Criatividade para o Século XXI: uma Visão Quântica para Expansão do Potencial Criativo*. São Paulo: Editora Aleph, 2012:85-86.

³ ZOHAR, Danah. *O ser Quântico: uma Visão Revolucionária da Natureza Humana e da Consciência Baseada na Nova Física*. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1990:41.

Estas e algumas outras questões serão discutidas no presente ensaio que contextualiza em sua primeira parte, o experimento mental denominado pela nova física, de paradoxo do “Gato de Schöredinger” bem como traça alguns breves paralelos entre noções da mecânica quântica e da psicologia simbólica relacionadas ao tema abordado. Na segunda parte, o ensaio apresenta os padrões arquetípicos associados às mitologias de de Aion, Chronos e kairós. Ao final são tecidas breves considerações a respeito do processo envolvido na elaboração, desenvolvimento e conclusão deste ensaio.

O Experimento da Nova Física

O experimento mental denominado pela nova física, de “Gato de Schöredinger”, frequentemente descrito como um paradoxo, foi conduzido pelo físico austríaco, Erwin Schöredinger, em 1935, para demonstrar o aparente paradoxo de um conceito da mecânica quântica, o das realidades paralelas que coexistem enquanto não forem observadas. No referido experimento um gato é colocado no interior de uma caixa fechada de paredes sólidas, que não permite a visualização do ser do gato, estando este à mercê, de partículas radioativas que lhe oferecem apenas duas possibilidades quânticas: morrer ou viver. Contrariando toda e qualquer expectativa em conformidade com a realidade do senso comum, o ser do gato quântico, apresenta - antes de a porta da caixa ser aberta, pelo observador - um estado *ambivalente*, no qual o felino permanece “vivomorto”. Além de resultar na estranha fenomenologia fica claro no experimento de Schöredinger, que o estado de sobreposição quântica - “vivomorto,” - sómente se define em um único estado fixo - “gato vivo” ou “gato morto” - no exato momento em que o observador abre a porta do sistema, para supervisionar o ser do “gato mecânico quântico”. Do contrário, antes da observação o ser do gato, manifesta-se como “uma onda quântica de muitas possibilidades”⁴. Em outras palavras a realidade apenas “acontece quando a vemos”⁵.

Aproximações entre Psicologia Simbólica e Física Quântica

No transcurso do experimento que trouxe à tona questionamentos não apenas em relação à natureza do observador mas, também sobre a natureza da observação Schöredinger, criou o

⁴ *Ibid.*:45.

⁵ *Ibid.*: 45.

termo *Verschränkung* que significa na tradução para o português, “entrelaçamento quântico”⁶. O fenômeno do entrelaçamento ou, da sobreposição quântica, conforme também foi designado o termo pela nova física, permite que dois ou mais objetos estejam de alguma forma tão ligados que um objeto não pode ser corretamente descrito sem que sua contraparte seja mencionada. Tal noção parece ser similar àquela concebida pelo filósofo e sociólogo francês Lucien Lévi-Bruhl (1879 - 1882), e denominada por ele, de “*participation mystique*”⁷ (participação mística), termo que expressa nada mais que uma condição psíquica em que a consciência sente-se arrastada por uma onda coletiva, de identificação com a alteridade. Como assegura a psicologia analítica tal fenômeno ocorre ainda que dois ou mais sistemas psíquicos, estejam separados por zilhões de anos-luz. Neste sentido tanto a sobreposição de onda cuja noção provém da mecânica quântica, quanto a noção de participação mística - cuja condição pode ser melhor identificada em consultórios de psicologia - representam uma fenomenologia não-local, cuja noção repousa no princípio de que “algo pode ser afetado mesmo na ausência de uma causa local.”⁸ Embora possa se argumentar que uma visão de mundo que aceite o movimento instantâneo à distância ou, a não-localidade, tenha uma coloração mística - pois afronta o bom senso e a física clássica - quaisquer idéias a este respeito estão fora de cogitação. Na verdade o problema da não-localidade é tão difícil de entender que “nem sequer foi levantado nos primórdios da física quântica.”⁹ A única coisa que se pode afirmar com relação à isto, é que as correlações sinalizam que “dois eventos podem estar relacionados através do tempo de tal modo que garanta que seu comportamento esteja sempre ‘sintonizado’, sendo inútil tentar estabelecer um vínculo de causa e efeito.”¹⁰ Tal relacionamento sincrônico, repousa na idéia de que a consciência faz um elo de ligação com os processos da natureza. Mas como será que esta sintonia acontece?

De acordo com o psiquiatra suíço, Carl Gustav Jung (1875-1961), estamos a todo tempo projetando nossa consciência no meio ambiente. E se “não estamos conscientes do caráter projetivo da qualidade do objeto, não temos outra saída senão acreditar piamente, que essa

⁶ *Op.Cit.*:85-86.

⁷ JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976:130.

⁸ ZOHAR, Danah. *O ser Quântico: uma Visão Revolucionária da Natureza Humana e da Consciência Baseada na Nova Física*. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1990:36.

⁹ *Idem*.

¹⁰ *Ibid.*:39.

qualidade pertence realmente ao objeto”¹¹. O argumento do psiquiatra suíço, nos leva a crer que o estado fundamental associado ao ser do “Gato mecânico-quântico”, deriva na verdade de uma qualidade fundamental presente na consciência do observador que é projetada - durante certo período do experimento em que não ocorre a observação - sobre o pobre bichano. Os próprios físicos tem sustentado que “cada vez que uma pessoa *consciente* decide levantar seu braço, a consciência está produzindo efeitos na realidade física.”¹² Embora esta seja uma verdade, é apenas parcial; pois apesar de os atuais físicos, estarem considerando o papel da consciência na formação da realidade física, nem todos tem conhecimento de que o processamento da psique, se dá em dois níveis distintos: um consciente e outro inconsciente. O físico teórico, Amit Goswami, parece estar ciente da estrutura da psique ao afirmar que o “processamento inconsciente é [considerado] um processamento quântico.”¹³ Para alguns dos físicos modernos, defensores da influência ativa da consciência sobre a realidade física, tais como Capra (1983), Klein (1993), Zohar (1990) e D’Espagnat, (1993), embora no referencial do senso comum não seja fácil se conceber a estranha natureza da realidade física, ela só nos é revelada através de uma construção ativa da qual participamos.”¹⁴

Segundo Erick Newmann (1905-1960), o desenvolvimento e evolução do cosmo passa pelos mesmos ciclos arquetípicos que marcaram a história da consciência individual e coletiva. Para o mesmo autor o ciclo ambivalente, que caracteriza um dado período na história da origem da humanidade está identificado com o tempo ourobórico ou, de pré-nascimento em que tudo o que existia era uma inteireza não dividida. De acordo ainda com o mesmo autor, a consciência do homem moderno refaz na consciência, a velha trilha percorrida pela humanidade. Isso nos leva a suposição de que o estado quântico identificado no paradoxo de Schödinger” “repousa numa base coletiva.”¹⁵ A psicologia analítica que aprofundou a investigação a respeito da existência dos “arquetípos”¹⁶ no inconsciente coletivo, descobriu que caso a consciência do

¹¹ JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 197:203.

¹² *Op.Cit.*: 48.

¹³ GOSWAMI, A. *Criatividade para o Século XXI: uma Visão Quântica para Expansão do Potencial Criativo*. São Paulo: Editora Aleph, 2012: 40.

¹⁴ ZOHAR, Danah. *O ser Quântico: uma Visão Revolucionária da Natureza Humana e da Consciência Baseada na Nova Física*. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1990:51.

¹⁵ *Ibid.*: 29.

¹⁶ Os conteúdos, do inconsciente coletivo são chamados *arquetípos*. Para aquilo que nos ocupa os *arquetípos* são imagens arcaicas ou melhor, primordiais, que ainda não foram submetidas a qualquer elaboração consciente. Sua expressão é encontrada nos mitos e contos de fadas (JUNG, C.G. *Os Arquetípos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976:11-13.

observador “não possua um caráter reflexivo acima da média estará ligada ao meio ambiente por todo um sistema de projeções inconscientes.”¹⁷ Ou seja, quando imersa em um “estado em que prevalecem as idéias coletivas”¹⁸ a consciência do grupo dominante, será invariavelmente, projetada no meio ambiente. Podemos averiguar isto, mesmo em nossos dias ao constatarmos que por trás de atitudes e orientações conscientes estão os arquétipos, nos governando. Com relação ao ser “vivomorto” do “Gato mecânico-quântico” parece ficar claro que, seu estado fundamental denota a consciência dominante do grupo ao qual esteve submetido. Veremos a diante e com mais detalhes como isto ocorre à luz dos deuses do tempo.

À esta realidade unitiva, em que “psique e matéria [se] organizam numa situação simbólica, significativa e idêntica”¹⁹ Jung (1875-1961), designou como *unus mundus* (um mundo). No *unus mundus* se sobrepõem “os modelos arquetípicos de todas as coisas e de todos os atos humanos”²⁰. Permeada via de regra, por uma forte carga emocional esta realidade sincrônica é via de regra, ativada, em função de um arquétipo específico que irá governar momentaneamente, o espírito do observador; que, aliás, não deve ser confundido com seu intelecto. A noção de *unus mundus* parece coincidir com o argumento da física Danah Zohar para quem “nossas almas [são como] parceiros integrais do processo da natureza ‘tanto na matéria como da matéria’[...]”²¹.

Diante do acima exposto, resta-nos considerar que, se para a nova física, os estados quânticos, são classificados como ondas de possibilidades para a psicologia simbólica eles representam padrões arquetípicos que são projetados nos mitos universais e identificam ciclos de desenvolvimento e evolução do cosmo e da consciência humana, como um todo. Vejamos no que segue, o modo como tais padrões podem ser caracterizados à luz dos elementos simbólicos associados às mitologias de Aion, Chronos e Kairós, os deuses do tempo, na mitologia grega.

Aion: O Arquétipo da Interação

¹⁷ JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976:204.

¹⁸ *Op.Cit.*: 91.

¹⁹ VON-FRANZ, M. L. *Os Mistérios do Tempo*. Mitos, Deuses, Mistérios. Espanha: Gráficas Almudena, 1997:27.

²⁰ *Ibid.*:12.

²¹ ZOHAR, D. *O ser Quântico*. Uma Visão Revolucionária da Natureza Humana e da Consciência baseada na Nova Física. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1990: 47.

Para os antigos gregos que concebiam o passado miceniano como uma *Idade de Ouro* de deuses e heróis, a história, representava um declínio desse estado ideal e não uma ordem básica da realidade. Em função de tal crença o tempo, para os gregos, não era considerado um deus, e sim “a vida propriamente dita e seu mistério divino.”²² Na aurora da literatura grega as visões contrastantes do poeta épico, Homero (século VIII a. C.) - para quem *Oceanus*, era o “rio que cercava o disco do mundo e abarcava o universo em forma de torrente circular”²³ e, do poeta Hesíodo (c. 750 a 650 a. C.), - para quem o “tempo era visto como um aspecto da ordenação moral do universo”²⁴, permaneciam. Para o mitógrafo grego, Ferécides (c. 450 a 400 a. C.), “a substância básica do universo era o tempo (Cronos), a partir do qual se produziam o fogo, o ar e a água”²⁵. *Oceanus*, era o “criador e destruidor de tudo”²⁶ sendo considerado ao menos em algumas antigas tradições da Grécia, uma “substância generativa”²⁷ ou, uma espécie de primigênia alma do mundo que ao oscilar entre dois princípios cósmicos engendrava uma espécie de dança cósmica. A noção metafórica que identificava já no século VIII a. C., um princípio cósmico universal que “constituía a base de toda a existência e de todos os fenômenos naturais”²⁸ pode ser divisada hoje, no atual século XXI, emoldurando a dança da matéria subatômica, que testemunha o contínuo ritmo de criação e destruição do universo.

Considerado como o princípio cósmico universal, Aion, representava a totalidade da existência sendo considerado nos tempos helenísticos, da Grécia, um “tempo extensivo [ou] um longo período de tempo”²⁹ que personificava deuses pessoais e não princípios abstratos. Por representar também um “instante-origem” ou uma clara “imagem do aspecto dinâmico da existência”³⁰ Aion, o princípio cósmico ambivalente era identificado ainda, como o grande indicador das medições temporais. Identificado com o símbolo da ouroborus, a serpente que devora a própria cauda marcando o início e, término dos ciclos arquetípicos de desenvolvimento

²² VON-FRANZ, M. L. *Os Mistérios do Tempo*. Mitos, Deuses, Mistérios. Espanha: Gráficas Almodena, 1997:5.

²³ WHITROW, J. G. *O Tempo na História: Concepções sobre o Tempo da Pré-História aos nossos Dias*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993 [1988]:53.

²⁴ *Ibid.*:243.

²⁵ ONIANS, R. B. *The Origins of European Thought: About The Body, The Mind, The Soul The World Time, and Fate*. Cambridge, United Kingdom : Cambridge University Press, 2010 [1951]:248.

²⁶ *Ibid.*:249.

²⁷ *Idem.*

²⁸ CAPRA, F. *O Tao da Física: Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1983:185.

²⁹ COENEM, L. & BROWN, C. (Editores). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983 [1967]:558.

³⁰ VON-FRANZ, M. L. *Os Mistérios do Tempo*. Mitos, Deuses, Mistérios. Espanha: Gráficas Almodena, 1997:6.

e evolução da consciência humana Aion, era o próprio estado de perfeição original da consciência em que estavam sobrepostos os princípios opostos quando o mundo ainda não havia iniciado. À luz de Aion, todas as possibilidades da consciência encontravam-se latentes ou *in potentia*, para usar a terminologia do físico, Werner Heisenberg (1901-1976), uma vez que a consciência ourobórica, era “idêntica e indistinta do mundo”³¹.

De acordo com os antigos filósofos gregos, Aion, estava identificado com o dragão primal que personificava o início do mundo; o núcleo da vida e da criação que hoje em dia, pode ser interpretado como “um princípio de energia psicofísica”³² já que este núcleo parece “organizar numa mesma situação simbólica, os mundos físico e psíquico, como duas facetas da mesma realidade.”³³ Talvez, pelo fato de reunir opostos, este tempo considerado primal - relacionado à “origem da vida, do espírito e da alma”³⁴ - fosse representado simbolicamente como uma unidade que reconcilia “os aspectos linear e cíclico do tempo”³⁵. Segundo Marie Louise Von-Franz (1915-1998) esta, era a crença de Jung (1875-1961), para quem a idéia arquetípica do tempo, tinha a forma de uma “espiral,”³⁶ que circuambulava sobre si mesma unificando opostos, na consciência. Dentre as inúmeras iconografias que identificam Aion, as mais conhecidos são o círculo, a cruz e a roda que gira sobre si mesma (espiral).

Por ser governado pelo equilíbrio dos opostos o tempo em Aion, mantém o mundo em seus devidos limites. Esta noção de equilíbrio dinâmico pode ser entendida a partir dos princípios contrários na natureza, que apesar de permanecerem num estado de oposição – do tipo céu-terra; masculino-feminino, vivo-morto, dentre outros – e serem caracterizados como princípios excludentes, representam na verdade “dois aspectos da mesma realidade, que coexistem e se encontram em cooperação contínua.”³⁷ Os átomos, são um bom exemplo dessa coexistência e cooperação em mútuo equilíbrio, pois, destrutíveis e indestrutíveis; também a *matéria*, contínua e descontínua; a noção de *campo* que apresenta dois aspectos: de partícula e de onda; e porque não dizer o estado do ser do “Gato mecânico-quântico de Schödinger,” que permanece em equilíbrio - “vivomorto” - apesar dos anos que nos separam do experimento de

³¹ NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*. São Paulo. Editora Cultrix, 1968:27.

³² *Op.Cit.*:6.

³³ *Op.Cit.*:27.

³⁴ *Op.Cit.*:30.

³⁵ *Op.Cit.*:19.

³⁶ *Idem*.

³⁷ CAPRA, F. *O Tao da Física: Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1983:164.

1953. Vale ainda ressaltar que à luz dos elementos simbólicos associados à mitologia de Aion, o homem ainda não estava em oposição à natureza e o ego não estava assentado em si mesmo. Isso significa dizer que, no período ourobórico, a psique encontrava-se imersa numa espécie de inconsciência coletiva como já visto.

Diante do acima exposto podemos inferir que o estado quântico “vivomorto” associado ao ser do “Gato mecânico-quântico de Schödredinger,” que manifesta-se como uma sobreposição de dois estados quânticos, “gato vivo” e “gato morto,” quando interpretado à luz de Aion, está identificado na consciência com um padrão arquetípico de *interação*. Como em Aion, o tempo é governado por “um arquetipo ambivalente e sua bilateralidade, condiciona também uma atitude ambivalente do ego, com relação à todos os objetos, podemos inferir que neste ciclo inicial da consciência não há uma observação propriamente dita, da realidade, mas sim, uma participação mística, naturalmente inconsciente, entre a consciência do observador e o sistema quântico (não mensurado).

Chronos: o Arquetipo da Repetição

Chronos, o deus da mitologia grega, está identificado com o “correr” ou, o “deslizar” na “dimensão horizontal do transcorrer do tempo.”³⁸ É chamado o tempo do senso comum e sua imagem arquetípica coincide com a “noção da sucessão linear e irreversível do tempo”³⁹, provavelmente baseada na observação do envelhecimento dos organismos vivos e, no processo de transformação e sucessão dos eventos. Personificando o “tempo construído pelo conhecimento [Chronos, representa] o tempo regular, divisível e, portanto, controlável.”⁴⁰ O “tempo que nos consome e nos conduz à morte [tempo que marca] o início e o fim de cada lapso de nossas vidas [o] tempo quantitativo.”⁴¹ O tempo sucessivo, do antes e do depois; o tempo newtoniano, absoluto, que flui independente do observador.

³⁸ KERKHOFF, M. *Kairos: Exploraciones Ocasiones en Torno a Tiempo y Destiempo*. Puerto Rico: Editorial de la Universidad del Puerto Rico, 1997:2.

³⁹ VON-FRANZ, M. L. *Os Mistérios do Tempo*. Mitos, Deuses, Mistérios. Espanha: Gráficas Almudena, 1997:15.

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ TISCAREÑO, Rigoberto Lasso. “Entre Cronos y Kairós. De Guadalupe Valencia” In.: *Nóesis. Revista de Ciências Sociales y humanidades*, Vol. 18, nº 36, 2009, p.225-234 :233.

Muitas vezes confundido pelos antigos intérpretes da mitologia grega, com Cronos - o rei titã, que consumiu os deuses do Olimpo - Chronos, o tempo, sustenta em uma das mãos uma implacável foice que *ceifa* qualquer possibilidade de transformação. Num movimento recorrente a foice de Chronos, representa segundo um ponto de vista metafórico, a incapacidade de adaptação deste deus à *evolução* da vida e em consequência, à uma nova ordem temporal. No mito de Chronos, toda e qualquer idéia de sucessão ou, evolução é ceifada. Para transformar-se o mundo tem de se revoltar e Chronos (Cronos), ser castrado ou retirar-se para o Céu, significando isto, que “ou ele é expulso ou recusa-se a servir outra ordem além daquela que concebeu e quis.”⁴² Esta recusa de servir à uma nova ordem temporal, ditada por seus descendentes expressa-se na mitologia grega, no desejo recorrente de Chronos, devorar os próprios filhos.

Enquanto o padrão arquetípico ambivalente de Aion - interação entre - mantém a consciência e o cosmo num estado de equilíbrio em que princípios opostos, estão sobrepostos (unidos), o padrão arquetípico excludente, de Chronos, engendra sua entrada em definitivo, no tempo e no cosmo. A emancipação do ego, a experiência do ser diferente, que “ocorre sob a luz crescente da alvorada da discriminação”⁴³ divide o mundo nos opostos. Será que poderíamos dizer que neste momento em que há uma discriminação dos opostos, ocorre uma espécie de “redução do pacote de ondas”⁴⁴ tal, como afirma a nova física ao descrever o ato de observação de um sistema quântico? À luz dos padrões arquetípicos de Chronos, a consciência que antes, unia os opostos (Aion), resiste ao processo de tornar-se inconsciente. Distanciar-se, distinguir-se, limitar-se, isolar-se, de um contexto são [a partir de agora] os atos básicos da consciência. Será que este movimento simbólico da consciência, em que ocorre o processo de discriminação não seria análogo, ao instante no processo de medição, em que de “duas possibilidades só uma se realiza”⁴⁵?

Para os antigos filósofos pré-socráticos o tempo à luz de Chronos, engendra a partir do processo de discriminação na consciência, um movimento dialético, repetitivo - entre as

⁴²GHEERBRANT, A.; CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997 [1982]:308.

⁴³ NEUMANN, E. *História da Origem da Consciência*. São Paulo. Editora Cultrix, 1968:91.

⁴⁴ KLEIN, E. *Olhares Sobre a Matéria* Dos quanta e das Coisas. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1993:92.

⁴⁵ *Idem*.

dicotomias - que se realiza em função de um “terceiro elemento móvel e vital”⁴⁶ simbolizado como a alma, o tempo ou, a consciência. Personificado na mitologia grega como o terceiro elemento, o deus Hermes, denominado como “o falo trapaceiro”⁴⁷ balança de um lado para outro na dicotomia e, reunindo e separando os opostos. Como disse Platão em *Timeu*: “ Duas coisas apenas não podem estar satisfatoriamente unidas sem uma terceira, posto que deve haver um vínculo entre elas que a reúna.”⁴⁸ Sendo assim, podemos dizer que em Chronos, “a progressão é sempre do tipo contínuo-descontínuo”⁴⁹ pois, os eventos que encontramos no tempo e no espaço, como descontinuidades - sequências como passado e futuro, antes e depois - por exemplo, conectam-se à continuidade na natureza que experimentamos num outro nível. Ao que tudo indica por estar identificado com a consciência Hermes, o mensageiro entre dois mundos alterna-se entre continuidade e descontinuidade, reunindo e separando as almas, tal como o *tic-tac-tic-tac*, de um relógio sempre se repetindo.

Diante do acima exposto resta-nos inferir que, o estado quântico “vivomorto” associado ao ser do “Gato mecânico-quântico de Schödinger” segmenta-se à luz de Chronos, em dois estados quânticos distintos, do tipo “gato vivo” e “gato morto” indicando tal discriminação que a consciência está identificada com o arquétipo da *repetição*. Como em Chronos, o tempo é governado por este arquétipo em função da alternância entre princípios opostos podemos considerar que a consciência do observador manifesta-se no ato de mensuração da natureza, parcialmente inconsciente e parcialmente consciente.

Kairós: O Arquétipo da Ordenação Humana

“Extraído” do decurso linear do tempo, Kairós, personificava para os antigos gregos o jovem deus da mitologia que governa o momento presente - “expandido”⁵⁰ e, simultaneamente fugaz⁵¹ - e que precisa ser “agarrado” no momento propício por uma ação humana, de modo a assegurar a entrada do indivíduo numa nova ordem temporal. Identificado com uma “dimensão

⁴⁶ LEACH, E.R. “Dois Ensaios a Respeito da Representação Simbólica do Tempo”. In: *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974:200.

⁴⁷ *Idem*.

⁴⁸ ZOHAR, D. *O ser Quântico*. Uma Visão Revolucionária da Natureza Humana e da Consciência baseada na Nova Física. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1990: 122.

⁴⁹ LEACH, Edmund Ronald. *A Diversidade da Antropologia*. Rio de Janeiro: Edições 70 Ltda, 1982:11.

⁵⁰ HONKANEN, K. “Aion, Kronos and Kairos: On Judith Butler’s Temporality”. In.: Jan./2007, p. 3-13:10.

⁵¹ JULLIEN, F. *Tratado da Eficácia*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1996:88.

‘vertical’, típica, de tudo o que tem origem, nasce e cresce”⁵² e segue no sentido transversal ao tempo de Chronos, o jovem deus da mitologia grega segue correndo, sempre num curso unidimensional do tempo, em direção ao instante-origem (Aion). Nesta corrida acelerada em que retorna ao princípio primal perfazendo ciclos existenciais Kairós, vai unificando simbolicamente, os princípios opostos na consciência. Isto significa dizer que, à luz de Kairós, o tempo é convertido numa simultaneidade em que presente, passado e futuro estão unidos no tempo e no espaço como um “ponto” unidimensional; uma singularidade. Ao copiar o tipo de movimento dos organismos vivos, “com diversas dimensões de ‘profundidade’ ou, ‘altura’”⁵³ a tempo em kairós, que oscila entre “um curso acelerado e [uma] certa imobilidade” ilustra na mitologia a jornada arquetípica de um jovem deus, considerado pelos antigos gregos, indomável. Como descreve o mito Kairós, avança na ponta dos pés ou, vagando em um vôo e segura em uma das mãos, uma navalha. Uma mecha de cabelo, a ser agarrada à sua aproximação, lhe cai sobre a testa mas, por detrás, seu crânio é calvo, motivo pelo qual ninguém espera poder agarrá-lo. Isso quer dizer que o jovem deus indomável só pára de correr, ao ser *agarrado* pela madeixa de cabelo em sua testa, que representa um ato da vontade humana. Simbolicamente falando, é no exato instante em que Kairós é apreendido por uma *ação humana*, que se abre uma *passagem estreita*, um *alvo a ser atingido* ou ainda, um *orifício*, que segundos os antigos filósofos gregos torna-se neste exato instante, “penetrável.”⁵⁴ Por personificar um tempo relativo diferente do tempo newtoniano, o jovem deus necessita da participação ativa da consciência do observador para que uma única realidade - dentre muitas outras, ocultas - possa se manifestar. Comportando-se tal qual um “maldito [...] electrão que o pensamento não consegue agarrar”⁵⁵ Kairós, o *electrão indomável*, só pára sua corrida vertiginosa, ao ser observado por uma consciência com a qual possua uma ressonância. Em outras palavras só ocorre um sincronismo entre a consciência do observador e o instante kairológico se a consciência do observador, estiver plena ou, unificada. Há quem diga que, se persistirmos em tentar compreender o tempo à luz de Kairós, - bem como o electrão, na nova física - estaremos

⁵² KERKHOF, M. *Kairos: Exploraciones Ocasionales en Torno a Tiempo y Destiempo*. Puerto Rico: Editorial de la Universidad del Puerto Rico, 1997:2.

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ *Idem*.

⁵⁵ KLEIN, E.; D’ESPAGNAT, B. *Olhares sobre a Matéria: Dos quanta e das Coisas*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1993:85.

“a expor os nossos neurônios a vivas canseiras”⁵⁶ pois, antes de “saltar bruscamente para um estado bem definido”⁵⁷ ou, uma realidade determinada (antes, não observada) - Kairós, o instante oportuno “dado pelos deuses ou pelo destino”⁵⁸ exige o compartilhar de si, com uma ação humana. Identificado com a alma ou, Hermes, que oscila entre os domínios do transcendente e o imanente o jovem deus da mitologia grega, faz a mediação entre dois princípios cósmicos, arquetípicos, considerados distintos e complementares: o Céu etéreo e a Terra. Na perspectiva do tempo kairológico os opostos na consciência, são integrados (unificados) e transcendem todas as dicotomias existentes que foram discriminadas no ciclo de Chronos. Em função desta unificação emerge uma nova ordem temporal, que “rompe com a cadeia da cronologia”⁵⁹ Sendo assim o tempo em Kairós, parece ser quântico pois identificado com a não localidade, o transtemporal e o transespacial..

O mito universal da criação do mundo que é segundo os gregos, também o mito de criação do tempo, nos oferece uma metáfora em que Aion, Chronos e Kairós, representam deuses que “dançam” a dança cósmica universal em uma interligação dinâmica. De acordo com os antigos filósofos gregos cada um deles, “promove uma agressão injusta à custa de seu oposto, que então cumpre pena retirando-se antes do contra-ataque”⁶⁰ o que nos leva a presumir que os três deuses da mitologia grega representam ciclos interdependentes, cuja finalidade, em sua totalidade, é o equilíbrio universal e a justiça já para os antigos da Grécia, Kairós era considerado o pai da verdade. Esta interdependência dinâmica entre os três ciclos do tempo, pode ser divisada em metáforas, que narram a criação do mundo. O mito da criação descreve que “no ato da cópula [entre Céu e Terra] o macho [Céu], concede um pedaço de sua alma vida à fêmea [Terra]; ao dar à luz, ela o restitui”⁶¹. Como é possível perceber quando Céu e Terra estão sobrepostos identificam Aion, o princípio cósmico, primal, a partir do qual procedem Kairós e Chronos, seus dois filhos. Enquanto o primeiro está identificado com o princípio ativo (Céu

⁵⁶ *Ibid.*:84.

⁵⁷ *Idem.*

⁵⁸ COENEM, L. & BROWN, C. (Editores). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983 [1967]:566-567.

⁵⁹ HONKANEN, K. “Aion, Kronos and Kairos: On Judith Butler’s Temporality”. In.: Jan/2007, p. 3-13:9.

⁶⁰ WHITROW, J. G. *O Tempo na História: Concepções sobre o Tempo da Pré-História aos nossos Dias*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993 [1988]54.

⁶¹ RAPPAPORT, Roy A. *Ritual y Religion en Formación de la Humanidad*. Madrid: Cambridge University Press, 2001:270.

etéreo), Chronos, está identificado com o princípio receptivo (Terra). Quando o Céu (Kairós), promove a ordem no cosmo, a Terra (Chronos), a recebe e restitui ao Céu, uma manifestação.

Esta dança cósmica que também identifica à luz da mitologia de Aion, Chronos e kairós, um ciclo de “vida-morte-renascimento no qual ocorre repetição e entropia”⁶² só pára, no instante exato e de “pouca duração,”⁶³ em que o jovem deus Kairós, é *agarrado* por uma consciência unificada capaz de promover um instante sincrônico entre o divino e o humano. Por estar integrada e plena, a consciência à luz de Kairós, “salta” para uma nova realidade que manifesta-se, como única, dentre infinitas outras possibilidades. Neste sentido parece ficar claro que, à luz dos padrões arquetípicos de Kairós, a consciência unificada ou integrada pode ser considerada uma singularidade ou, como tudo indica, o próprio instante-origem da alma, que retorna na direção do tempo primal (Aion), girando em torno de si própria tal em um movimento espiral. Esta singularidade também denominada de *scintilla stellaris essentiae* (centelha de natureza estelar), denota segundo a psicologia analítica uma expressão de totalidade que designa uma quaternidade arquetípica⁶⁴.

Diante do acima exposto podemos considerar que, o estado quântico “vivomorto” associado ao ser do “Gato mecânico-quântico de Schödinger” unifica-se à luz de Kairós, em uma singularidade do tipo “g” (“gatomortogatovivo”) indicando tal unificação que a consciência está sendo governada pelo arquétipo da *ordem* em função do qual, ela transcende dicotomias e segue na direção do instante-origem. Como em Kairós, o tempo é governado pelo arquétipo da *ordem* podemos inferir que a consciência do observador, que agora está integrada, é não só capaz de fazer escolhas mais conscientes como, também, de apreender no ato da medição realidades antes ocultas (ou, antes não observadas), à percepção do senso comum.

Considerações Finais

⁶² SOUZA, T. P.. *Kairós e o Tempo Ritual Sagrado em Edmund Leach: uma Investigação à luz dos Significados do Mito de Kairós*. 2015. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015: 165.

⁶³ COENEM, L. & BROWN, C. (Editores). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983 [1967]:566-567.

⁶⁴ De acordo com Jung, a quaternidade representa uma totalidade na psique do ser humano. Representa a *personalidade supraordenada*, tal como é na realidade e não como julga ser. A totalidade compreende a consciência e o inconsciente.

A trajetória deste breve ensaio teve várias limitações. No percurso que tinha como meta a identificação e a caracterização dos padrões arquetípicos à luz de Aion Chronos e Kairós, foram feitas breves aproximações reflexivas, entre noções da mecânica quântica e da psicologia simbólica, certamente sujeitas a críticas. Cientes de que os vocabulários fornecidos por ambas as disciplinas do conhecimento carecem de uma articulação que promova o compartilhar de um horizonte interpretativo, senão comum, próximo de um fértil diálogo, vale ressaltar apesar disso, que o pesquisador jamais deve prescindir de um olhar atento e curioso que o leve a angariar novos pontos de vista a respeito do homem e da natureza.

No presente ensaio buscou-se apresentar que à luz dos padrões arquetípicos de Aion, o estado fundamental “vivomorto” do “Gato mecânico-quântico de Schöredinger,” representa um estado arquetípico, de *interação in potentia*, em que há uma participação mística ou, uma interação inconsciente, entre a consciência do observador e o sistema quântico, ainda não observado. E neste sentido coincide com o estado de sobreposição quântica, do ser do gato. À luz dos padrões arquetípicos de Chronos, o estado fundamental “vivomorto,” do “Gato mecânico-quântico” é discriminado em dois sistemas arquetípicos, opostos e complementares - “gato vivo” e “gato morto” - que alternam-se na consciência de modo recorrente. Neste sentido este padrão arquetípico que denota a *repetição* aponta que, no ato da medição ocorre uma discriminação entre a consciência do observador e o sistema quântico, observado. À luz dos padrões arquetípicos de Kairós, o estado fundamental “vivomorto,” do “Gato mecânico-quântico” está unificado - “g”- e representa uma singularidade que rompe com a cadeia linear de Chronos. Neste sentido, este padrão arquetípico que denota *ordenação* sinaliza que no ato da medição, a consciência – supraordenada – do observador dá um salto quântico e colapsa uma realidade que manifesta-se única, dentre outras possibilidades ocultas.

Mais que isto os resultados obtidos no ensaio apontam que Aion, Chronos e kairós são *parte* de uma unidade temporal arquetípica, constituída por três ciclos distintos e complementares - *interação, repetição, ordenação* - que mantém entre si uma interligação dinâmica e, cuja meta é o desenvolvimento e a evolução da consciência no processo de observação da natureza.

Entendidos dentro de uma perspectiva simbólica, os padrões arquetípicos provocam um desafio no ser do “Gato de Schöredinger” que deve manter-se num estado de *in potentia* à luz de Aion; *correr* à luz de Chronos e *saltar* (quando parado) à luz de Kairós.

Referências Bibliográficas

- CAPRA, F.. *O Tao da Física: um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1983.
- COENEM, L. & BROWN, C. (Editores). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983 [1967].
- GHEERBRANT, A.; CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997 [1982].
- GOSWAMI, A.. *Criatividade para o Século XXI: uma Visão Quântica para Expansão do Potencial Criativo*. São Paulo: Editora Aleph, 2012.
- HONKANEN, K.. “Aion, Kronos and Kairos: On Judith Butler’s Temporality”. In.: Jan./2007, p. 3-13.
- JULLIEN, F.. *Tratado da Eficácia*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1996.
- JUNG, Carl Gustav. *Aion: Estudos sobre o Simbolismo do si-Mesmo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- _____. *A Natureza da Psique*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.
- _____. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.
- KERKHOFF, M.. *Kairos: Exploraciones Ocasionales en Torno a Tiempo y Destiempo*. Puerto Rico: Editorial de la Universidad del Puerto Rico, 1997.
- KLEIN, E.; D’ESPAGNAT, B.. *Olhares sobre a Matéria: Dos quanta e das Coisas*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1993.
- LEACH, Edmund Ronald. *A Diversidade da Antropologia*. Rio de Janeiro: Edições 70 Ltda, 1982.
- NEWMANN, E.. *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.
- ONIANS, R. B.. *The Origins of European Thought : About The Body, The Mind, The Soul The World Time, and Fate*. Cambridge, United Kingdom : Cambridge University Press, 2010 [1951].
- RAPPAPORT, Roy A. *Ritual y Religion en Formación de la Humanidad*. Madrid: Cambridge University Press, 2001.
- SOUZA, T. P.. *Kairós e o Tempo Ritual Sagrado em Edmund Leach: uma Investigação à luz dos Significados do Mito de Kairós*. 2015. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- TISCAREÑO, Rigoberto Lasso. “Entre Cronos y Kairós. De Guadalupe Valencia” In.: *Nóesis. Revista de Ciências Sociales y humanidades*, Vol. 18, nº 36, 2009, p.225-234.
- VON-FRANZ, M. L.. *Mistérios do Tempo: Mitos, Deuses, Mistérios*. Espanha: Gráficas Almudena, 1997.
- WHITROW, J. G. *O Tempo na História: Concepções sobre o Tempo da Pré- História aos nossos Dias*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993 [1988].
- _____. *O que é Tempo? uma Visão Clássica Sobre a Natureza do Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005 [1972].
- ZOHAR, D. *O Ser Quântico: uma Visão Revolucionária da Natureza Humana e da Consciência baseada na Nova Física*. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1990.

